UMA PESQUISA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O ENSINO COLABORATIVO E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

EIXO TEMÁTICO: 04
TIPO DO ESTUDO: PC

Carla MARÇAL Y GUTHIERREZ
e-mail: carlamarcal@ufrrj.br
Professora do Curso de Licenciatura em Educação Especial
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

PIBIC/UFRRJ

RESUMO: Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, no curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O foco da pesquisa é o ensino colaborativo e o atendimento educacional especializado, visando a construção de práticas pedagógicas inclusivas. A inclusão enfrenta desafios nas instituições de ensino, especialmente na escolarização de estudantes com deficiência. Dessa maneira, o objetivo foi analisar o Ensino Colaborativo sob uma perspectiva inclusiva em uma escola municipal da Baixada Fluminense, promovendo Atendimento Educacional Especializado que assegure diferenciação pedagógica e acessibilidade curricular. Para isso, foram utilizados suportes educacionais especializados, contribuindo para o aprendizado dos estudantes. Buscou-se estabelecer uma relação entre a formação teórica e prática dos alunos de licenciatura, contribuindo para a construção da identidade profissional. Utilizou-se a pesquisa-ação colaborativa, que facilita a compreensão da realidade pelos participantes. A pesquisa abrangeu turmas da educação infantil e do ensino fundamental dos anos iniciais. E trouxe impacto no contexto escolar e na vida dos envolvidos, promovendo formação com os professores, gerando discussões, reflexões e aprendizados. O estudo influenciou às atividades de graduação, contribuindo para a construção de pesquisas que articulem teoria e prática.

Palavras-chave: Formação inicial e continuada de professores; Atendimento Educacional Especializado; Ensino Colaborativo.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Especial na perspectiva inclusiva concebe o espaço escolar como um local capaz de atender a todos os sujeitos, assegurando o direito de aprender, considerando as especificidades de cada um. Para isso, são essenciais atendimentos adequados às necessidades motoras, visuais, linguísticas e cognitivas dos estudantes matriculados na escola comum.

A pesquisa de iniciação científica "*Ensino Colaborativo e o Atendimento Educacional Especializado: um caminho indissociável para práticas pedagógicas inclusivas"* dialogou com os professores sobre uma análise do Ensino Colaborativo[1] no fazer docente em uma perspectiva inclusiva, para oferecer um Atendimento Educacional Especializado e garantir o direito à diferenciação pedagógica permitindo aos estudantes à acessibilidade curricular e sobretudo, o aprendizado.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva (BRASIL, 2008) trouxe a definição do público da educação especial, como: alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento (TGD) e altas habilidades/superdotação. Para que esses estudantes sejam escolarizados, o suporte educacional especializado através do atendimento educacional especializado se faz necessário. Esse atendimento é oferecido no contraturno na própria escola ou em centros de Atendimento Educacional Especializado, de forma complementar ou suplementar.

Nosso objetivo foi promover uma análise sobre o Ensino Colaborativo no fazer docente numa perspectiva inclusiva, em uma escola municipal na Baixada Fluminense, para oferecer um Atendimento Educacional Especializado de qualidade, garantindo o direito à diferenciação pedagógica e acessibilidade curricular e sobretudo, aprendizado e escolarização aos estudantes.

A pesquisa se justifica não apenas pela relevância da temática, mas também pela contribuição na formação inicial e continuada de professores. "A formação de professores deve estar articulada à teoria e a prática, estão sempre interligadas. Já é tempo de se abandonar a ideia de que a característica principal do professor se define,

[1] O Ensino Colaborativo é definido como uma parceria entre os professores de ensino regular e de Educação Especial, desde que os dois professores se responsabilizem e compartilhem o planejamento, a execução e a avaliação.

sobretudo, pela capacidade de transmitir um determinado saber. Ora, esta ideia simplista, acrescida do pensamento de que ensinar é muito fácil, tem desprestigiado a profissão docente. Sabe-se, entretanto, que o que caracteriza a carreira do professor é a sua prática, desenvolvida utilizando teoria e método, que faz o conhecimento docente acontecer (NÓVOA, 2009, p.5).

A ausência e/ou as poucas disciplinas voltadas para Educação Especial na perspectiva Inclusiva nos cursos de licenciatura é uma questão a ser refletida e considerada. Muitas vezes, essa disciplina é eletiva e portanto, nem sempre escolhida pelo estudante. E quando é uma disciplina mínima, acontece em um período durante 8 ou 10 períodos da graduação.

Além disso, é notório o elevado número de estudantes com deficiências. Pesquisas têm mostrado o crescimento no número de matrículas desses sujeitos em escolas comuns. Com isso, a implementação do AEE com as salas de recursos multifuncionais não é apenas uma obrigatoriedade, é uma necessidade.

> "O AEE foi regulamentado pelo Decreto Nº. 6571, de 2008, que reestrutura a Educação Especial, consolida diretrizes e ações, já existentes, à Educação Inclusiva e destina recursos do Fundo da Educação Básica (FUNDEB) ao atendimento de necessidades educacionais especiais (FIGUEIREDO, 2010, p.33). O AEE tem por objetivo integrar a proposta pedagógica da escola, envolvendo a família e realizando articulações com outras políticas públicas. Podemos considerá-lo como um conjunto de recursos pedagógicos e de acessibilidade organizados de forma complementar à formação dos alunos no ensino regular. Dessa maneira, questiona-se muito a ação dos professores do AEE perante as condições impostas pela política de inclusão, sobretudo quando estes são responsáveis pelas adaptações necessárias mediante às necessidades dos alunos com deficiência. (MARÇAL-GUTHIERREZ, 2022, p.13)

Pensar o AEE é dialogar sobre o Ensino Colaborativo que na perspectiva inclusiva, consiste no desenvolvimento de uma parceria entre os docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e os professores da sala regular e ainda podem compartilhar regência, planejamento e avaliação no ensino.

MENDES (2014) diz que o trabalho baseado no ensino colaborativo, também conhecido como coensino, entre professores de educação especial e da sala regular, faz parte da proposta de alguns países para a inclusão escolar de alunos com deficiência, sendo esta apontada como uma das mais relevantes. No Brasil, esse modelo não é conhecido e/ou realizado pela maioria dos municípios, sendo utilizado

apenas em casos pontuais e experimentais. Um exemplo dessa prática é desenvolvida no CAp-UERJ.

> Assim, esperamos que um docente se responsabilize mais pelo currículo que deve (ou deveria) atender a todos, enquanto o do AEE por propostas de adequação curricular, flexibilização das atividades pedagógicas, recursos diferenciados e outras formas de garantir a promoção da aprendizagem da criança em processo de inclusão. (MARÇAL-GUTHIERREZ, OLIVEIRA e BARREIROS, 2016. p. 6)

Segundo MARÇAL-GUTHIERREZ (2022), a acessibilidade curricular é fundamental para que haja aprendizagem dos estudantes e para que a educação seja inclusiva. Ela garante modificações nos objetivos, metodologias, conteúdos, mas também na didática do professor, sobretudo em relação ao tempo e estratégias na organização das avaliações. Sem essa acessibilidade não é possível atender às diversidades e eliminar as práticas excludentes que estão na sociedade e por isso, dentro das escolas.

Proporcionar uma *Educação para Todos* em termos de igualdade de direitos e oportunidades é oferecer um ambiente educacional favorável as diferentes formas de aprender e para isso, é preciso um Atendimento Educacional Especializado - AEE para realizar a flexibilização da prática educacional para atender a todos.

Durante a pesquisa, identificou-se: as práticas inclusivas a partir do Ensino Colaborativo; os benefícios do Atendimento Educacional Especializado na escolarização dos estudantes com deficiências; refletiu-se sobre o Atendimento Educacional Especializado e o currículo funcional natural em uma escola inclusiva; vivenciou-se a prática docente na sala de aula e no cotidiano escolar; estabeleceu-se a relação da formação entre teoria e prática dos estudantes de licenciatura; contribuiu na construção da identidade profissional do licenciando; experimentou-se o Ensino Colaborativo na perspectiva inclusiva; estimulou-se o ensino, a pesquisa e a produção acadêmica; realizou-se estudos e produções acadêmicas com a temática; dentre outros.

2 MÉTODO

Como estratégia metodológica para realizar a análise sobre o Ensino Colaborativo no fazer docente numa perspectiva inclusiva utilizou-se a pesquisa-ação colaborativa por compreender que esta seria a melhor opção para um trabalho em equipe. A pesquisa -ação colaborativa permite melhor compreensão da realidade por parte dos sujeitos pesquisados. Sendo assim, a partir das intervenções dos professores, os graduandos têm a possibilidade de tomar consciência de determinada questão, intervindo assim em sua própria realidade. As atividades de campo foram organizadas de modo que cada estudante de graduação e membro da equipe, estivesse presente na escola uma vez na semana, durante o período de março até agosto. A pesquisa teve aprovação do comitê de ética e da instituição de ensino, registrada no parecer consubstanciado do CEP 84666723.3.0000.0311

Foram observadas duas turmas da Educação Infantil (Infantil 4 e Infantil 5) e 9 turmas do ensino fundamental – anos iniciais. Para coleta de dados utilizamos a observação participante e o registro de pesquisa diário. Sendo assim, a pesquisa aconteceu em 3 etapas, sendo elas:

1. Observação dos estudantes e professores;

2. Formação continuada com os professores (dialogando sobre a inclusão na escola);

3. Intervenções pedagógicas com os estudantes por meio de suportes educacionais especializados.

Os sujeitos participantes foram os estudantes das turmas, professores e graduandos envolvidos no projeto. Para coleta de dados, utilizou-se a observação-participante; registros do diário de bordo; entrevistas com depoimentos dos professores sobre o ensino colaborativo como estratégia de aprendizagem e famílias dos estudantes envolvidos.

Utilizou-se uma investigação com revisão bibliográfica e análise das experiências do ensino colaborativo como estratégia na aprendizagem e no desenvolvimento de alunos na educação básica.

Foram realizadas duas formações voltadas à capacitação dos professores, como forma de promover práticas pedagógicas mais inclusivas e efetivas. A formação foi organizada para os professores bidocentes, os professores da sala

comum, a professora itinerante, as professoras da sala de recursos multifuncionais, as agentes de apoio à inclusão e os voluntários da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a pesquisa de iniciação científica na escola, fez-se o mapeamento dos estudantes público da Educação Especial atendidos pela escola. No primeiro semestre de 2025, identificou-se 5 estudantes na Educação Infantil e 13 estudantes do Ensino Fundamental – anos iniciais. Desses, 13 estudantes possuem Transtorno do Espectro Autista – TEA e 7 com necessidades complexas na comunicação. Assim, a intervenção com o uso da Comunicação Aumentativa e Alternativa foi uma necessidade e será avaliada na renovação da pesquisa de setembro de 2025 a agosto de 2026.

A comunicação alternativa é mais do que uma área da tecnologia assistiva, pois promove e suplementa a fala ou garante uma forma alternativa se o indivíduo não se mostra capaz de desenvolvê-la (NUNES, 2013), bem como oferece estratégias de comunicação aos seus interlocutores (NUNES, 2007, 2009; SCHIRMER, 2012). A CA se caracteriza por um conjunto de métodos e técnicas que contribuem com a comunicação, ampliando as possibilidades de troca, de experimentação individual e de relacionamento com o outro. O uso dos cartões de comunicação é frequente por serem recursos simples e configuram-se em símbolos gráficos ou fotografias em um espaço mais compacto (MARÇAL Y GUTHIERREZ, 2022).

Após o mapeamento, iniciou-se a observação-participante em cada turma que havia um estudante público da Educação Especial. A medida em que a observação acontecia, pensava-se em conjunto (professor, estudante de graduação e pesquisadores) ações para que a acessibilidade pedagógica fosse garantida. A fim de concentrar as ações de intervenções no primeiro semestre, o foco foi pensar as ações para os estudantes que possuíam maiores demandas sociais e pedagógicas.

Em paralelo à observação-participante, pensou-se a formação continuada dos professores. Togashi, Silva e Schirmer (2017) revelam que a formação continuada em serviço é fundamental para que o professor se torne cada vez mais habilitado e seguro e, dessa forma, possa desenvolver a profissão docente.

A primeira reunião aconteceu em abril de 2025 e dialogou-se com os professores sobre estratégias para a escolarização de estudantes com deficiência,

abordando aspectos como a acessibilidade curricular, o uso de tecnologias assistivas de baixo custo, metodologias diferenciadas, a construção do Plano de Ensino Individualizado (PEI) e as definições de objetivos e habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos. Destacou-se como as políticas públicas favorecem a escolarização de alunos com deficiência. Abaixo, apresenta-se algumas imagens desses encontros de formação e diálogo.

Formação continuada com os professores na escola (1º encontro)

Figura A: Grupo de Educadores no pátio da escola

Fonte: Acervo da pesquisadora

Nota de acessibilidade – descrição da imagem: A imagem apresenta um grupo de cerca de 25 educadores posando para uma foto em um pátio externo. As pessoas estão de pé, formando duas fileiras. Há uma mistura de homens e mulheres, com idades aparentes que variam de jovens adultos a pessoas mais velhas. O grupo está em frente a um prédio com uma parede de tijolos e uma área com janelas e uma estrutura de cobertura na parte inferior. O chão do pátio é de concreto e há marcações no chão com jogo de amarelinha. A foto foi tirada durante o dia.

Figura B: Grupo de Educadores na sala de aula em formação continuada

Fonte: Acervo da pesquisadora

Nota de acessibilidade – descrição da imagem: A imagem revela uma sala de aula com um grupo de educadores sentados em carteiras, voltadas para uma professora em pé na frente. A professora está gesticulando com as mãos enquanto fala. Ela está vestida com uma blusa cinza e calça jeans. Os educadores estão sentados em carteiras azuis, a maioria deles prestando atenção.

Essa primeira formação foi de muita expectativa tanto por parte dos pesquisadores, quanto por parte dos profissionais da escola. Essa parceria entre a universidade e a escola é uma demanda urgente e necessária. Um dos participantes disse estar muito feliz com essa oportunidade e ver à Universidade no chão da escola e não nas secretarias de educação, o deixava esperançoso e feliz.

A segunda formação aconteceu em junho de 2025 e teve como foco dialogar sobre as definições de ensino colaborativo, o uso de tecnologia assistiva e a comunicação aumentativa e alternativa. Esse encontro aconteceu na Universidade e foi um pedido da diretora da escola por achar importante que os profissionais tivessem o contato com o espaço físico.

Antes do início da formação, os participantes da pesquisa preencheram um formulário, via google formulário, a fim de compreender o que entendiam sobre Ensino colaborativo e bidocência. Apresentou-se os diferentes modelos de ensino colaborativo, tecnologia assistiva (TA) de baixo e alto custo, e como a TA auxilia a vida diária com materiais e produtos que favorecem o desempenho autónomo em diferentes tarefas e ambientes. Após o diálogo entre os participantes, mostrando suas vivências e demandas da realidade escolar em que se encontram, foi proposto uma oficina para criação de materiais acessíveis e com pictogramas para o uso da Comunicação Aumentativa e Alternativa. Disponibilizou-se materiais e computadores da sala de licenciatura de Educação Especial da UFRRJ, campus de Nova Iguaçu. Foi ensinado ao grupo sobre como fazer pranchas de CAA através do site ARASSAC[2] e PICTO4ME[3]

No formulário oferecido aos participantes, 100% sabiam o que é ensino colaborativo; 88,9 % sabiam o que é Biodocência e 11,1% não sabiam o que é bidocência. Percebeu-se ao longo da pesquisa que grande parte dos professores compreendiam o conceito de Ensino Colaborativo e Bidocência, no entanto, as

[2] Portal que oferece uma biblioteca de símbolos completa para CAA. Disponível em: https://arasaac.org/

[3] Picto4Me é um aplicativo da *web* que permite criar, reproduzir, compartilhar e conversar com placas pcitográficas de CAA.

ações em sala de aula, em sua maioria, não correspondiam com a parceria no planejamento, atividades em conjunto e regência compartilhada. O que se havia era um segundo professor acompanhando os estudantes com deficiência, fazendo a mediação, mas nem sempre com as atividades planejadas por ambos e de acordo com o ano de escolaridade.

De todo modo, esse grupo de professores demonstrou o desejo em potencializar suas práticas em prol da inclusão e sobretudo, em busca do crescimento e desenvolvimento de seus estudantes. Diante desse acolhimento dos professores com os pesquisadores e desejo em ampliar a parceria entre a escola e a universidade, foram disponibilizados recursos para as intervenções com seus estudantes, por meio de oficina.

Formação continuada com os professores na UFRRJ (2º encontro)

Figura C: Grupo de Educadores em formação continuada na Universidade

Fonte: Acervo da pesquisadora

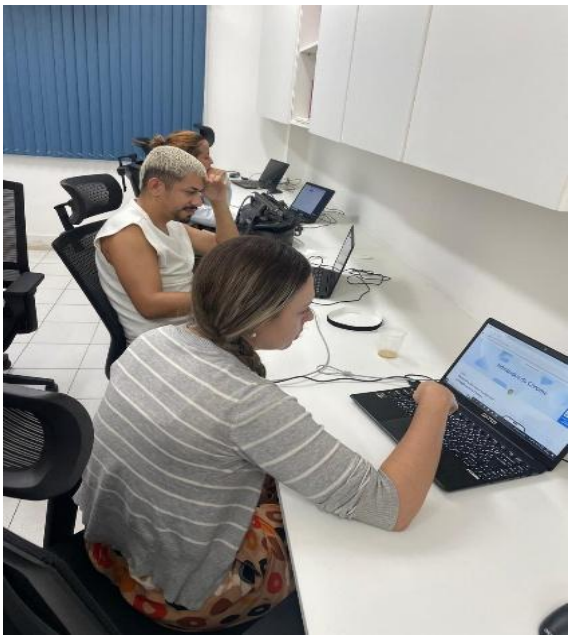
Nota de acessibilidade – descrição da imagem: Há um grupo de pessoas, a maioria mulheres, reunidas em uma sala. Foi o encontro da segunda formação na Universidade. Ao fundo há uma tela grande com conteúdo visível. A maioria das pessoas está sorrindo e olhando para a câmera, indicando um ambiente positivo e colaborativo. Um homem na frente, usando óculos, está tirando a selfie, e muitas outras pessoas estão ao seu redor, algumas em primeiro plano e outras mais ao fundo.

Figura D: Pesquisadora apresentando o objetivo do encontro

Fonte: Acervo da pesquisadora

Nota de acessibilidade – descrição da imagem: Há um grupo de pessoas sentadas ao redor de uma mesa de conferência em uma sala de reuniões. Todos estão sentados em cadeiras de escritório viradas para a mesa. A mesa é longa e de madeira clara, com alguns papéis e celulares espalhados sobre ela. Ao fundo, há uma parede branca com um ar-condicionado instalado na parte superior esquerda e uma janela coberta por persianas azuis na parte superior esquerda. Uma mulher, vista de costas na frente da imagem, está gesticulando com as mãos enquanto fala com o grupo.

Figura E: Professores utilizando os computadores na oficina



Fonte: Acervo da pesquisadora

Nota de acessibilidade – descrição da imagem: Na imagem encontra-se um grupo de pessoas sentadas em frente a computadores em uma sala de reunião. No primeiro plano, uma mulher com cabelo castanho preso em uma trança está usando um laptop. Ela usa um suéter cinza com listras brancas e uma saia colorida. Atrás dela, um homem com cabelo loiro descolorido e barba está sentado em uma cadeira de escritório preta. Ele está usando uma camiseta branca sem mangas e parece estar pensativo, com a mão no rosto. Mais atrás, outras pessoas também estão visíveis, cada uma com seu próprio laptop.

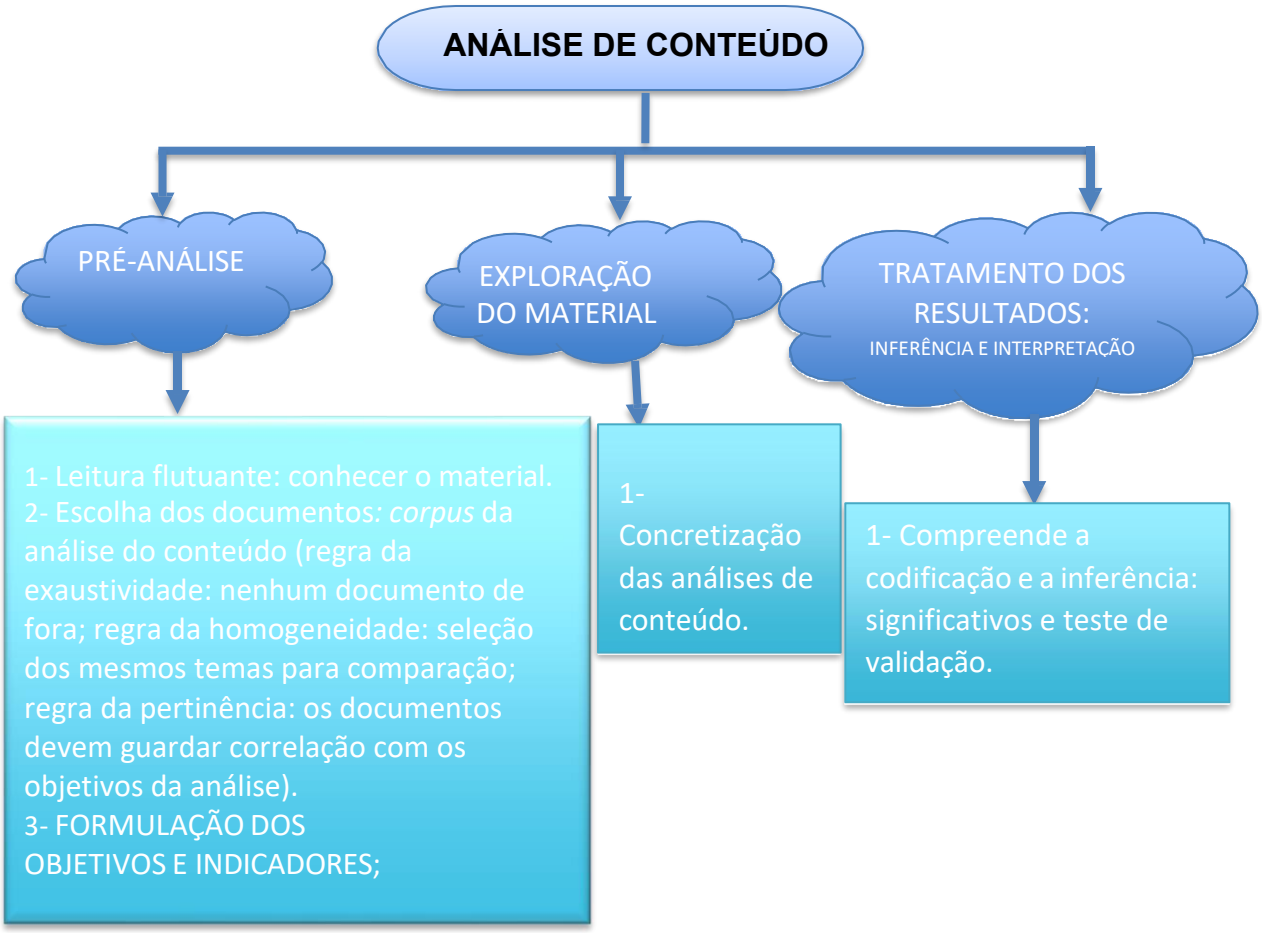
Figura F: Professores utilizando materiais acessíveis para a intervenção pedagógica com seus estudantes

Fonte: Acervo da pesquisadora

Nota de acessibilidade – descrição da imagem: Na imagem é possível perceber um grupo de pessoas sentadas em torno de uma mesa de madeira em uma sala de reuniões. Há várias folhas de papel espalhadas sobre a mesa, algumas com cartões de Comunicação Aumentativa e Alternativa. Na frente da mesa, há um caderno aberto com anotações e uma caneta azul. Ao fundo, uma janela com persianas azuis está visível, e há ar-condicionado montado na parede acima da janela.

Utilizou-se a perspectiva histórico-cultural na apropriação de conceitos necessários para compreensão sobre a aprendizagem dos estudantes. Como procedimentos de análise de dados, utilizou-se os elementos de análise de conteúdos presentes em diversas pesquisas qualitativas (BARDIN, 2004). Considerou-se três etapas presentes na análise de conteúdo: pré-análise, exploração de material e interpretação de dados. No Brasil, muitas pesquisas utilizam a análise de conteúdo como técnica de análise de dados. Essa técnica ultrapassa as incertezas e enriquece a leitura dos dados coletados. Como afirma Chizzotti (2006, p. 98), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas.” Para melhor compreensão dessa análise, segue o gráfico abaixo:

Figura G: Gráfico sobre a análise de conteúdo

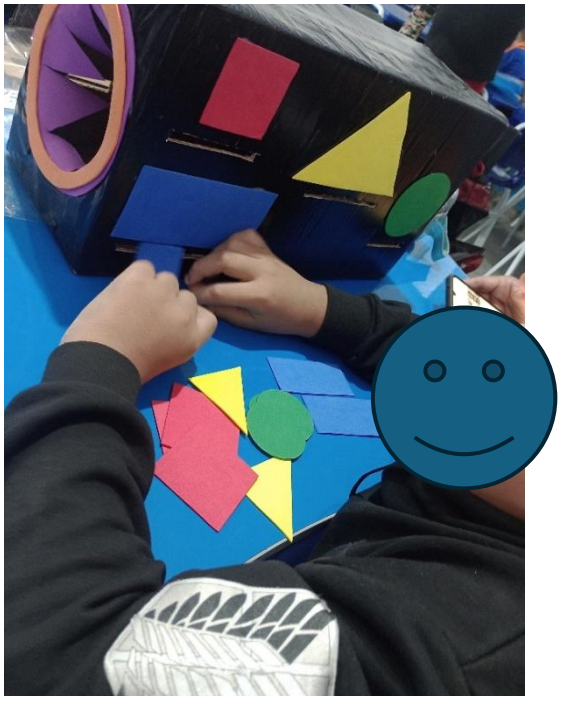


Fonte: Tese de Doutorado Carla C. Marçal y Guthierrez (2022)
Nota de acessibilidade – descrição do gráfico: O gráfico apresenta a análise de conteúdo de Bardin, dividindo as três etapas e conceituando cada uma delas. Na parte acima, há o título "Análise de conteúdo". Abaixo com três nuvens, apresenta-se a: "Pré-análise"; "Exploração do material" e "Tratamento e resultados". Abaixo de cada nuvem o conceito das etapas.

Após o segundo encontro de formação com o grupo, os estudantes de graduação e integrantes da pesquisa, iniciaram as intervenções pedagógicas a fim de contribuir para acessibilidade curricular dos estudantes a partir das demandas e barreiras observadas.

Abaixo, seguem algumas imagens referentes às intervenções pedagógicas:

Figura H: Intervenção Pedagógica com figuras geométricas



Fonte: Acervo da pesquisadora

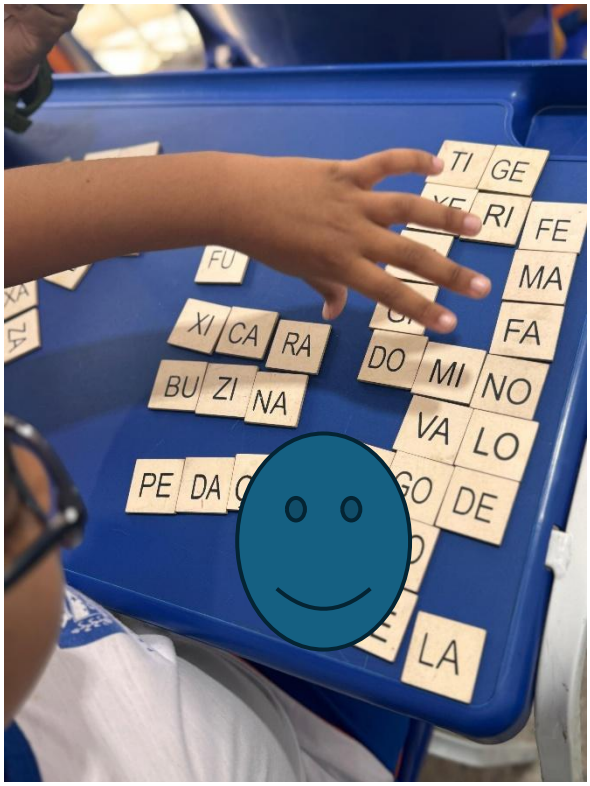
Nota de acessibilidade – descrição da imagem: Na imagem, há um estudante interagindo com uma caixa grande e preta decorada com formas geométricas coloridas. Ele está usando um casaco preto, que tem um desenho branco estilizado na manga. A caixa é feita de papelão e tem várias aberturas onde as formas geométricas de espuma colorida podem ser inseridas. As formas visíveis na caixa incluem um losango vermelho, um triângulo amarelo e um círculo verde. Há também uma forma azul retangular que a criança está tentando inserir em uma abertura na parte frontal da caixa.Na mesa azul à frente da criança, há um conjunto de formas geométricas de espuma espalhadas: dois triângulos amarelos, dois losangos vermelhos, um círculo verde e duas formas azuis retangulares. No lado esquerdo da caixa, há uma grande abertura circular decorada com anéis de espuma laranja e roxa.

O estudante da imagem acima está no 5º ano do ensino fundamental e possui a *Síndrome de Arnold-Chiari*[4]*.* Além da deficiência física, apresenta deficiência intelectual. Esta intervenção pedagógica foi pensada para que o estudante tivesse acesso às figuras geométricas, de forma concreta, e conseguisse nomear e diferenciar cada uma de forma eficaz. Percebe-se o entusiasmo do estudante durante a atividade e verificou-se uma evolução em seu aprendizado. Vale ressaltar, que as intervenções pedagógicas eram pensadas a partir das

[4] Segundo o DSM-V (2023), é uma doença congênita rara, em que ocorre uma malformação do crânio, o que leva a um aumento da pressão no cérebro que é forçado para baixo, afetando o cerebelo, ponte e medula espinhal, resultando em sintomas como dor de cabeça, dificuldade de equilíbrio, perda da coordenação motora e problemas visuais, por exemplo.

especificidades e potencialidades dos estudantes e a deficiência não era o foco e não era considerada uma barreira.

Figura I: Intervenção Pedagógica com sílabas



Fonte: Acervo da pesquisadora

Nota de acessibilidade – descrição da imagem: Na imagem, há um estudante com a mão sobre um tabuleiro azul com peças de madeira com letras para formar palavras. As peças de madeira estão dispostas em várias linhas, algumas formando palavras e outras soltas. O estudante organiza e forma palavras.

Nesta intervenção, o estudante utiliza letras móveis a partir de sílabas para a escrita de palavras. Essa atividade foi pensada a partir da resistência na utilização do lápis e caderno. Como resultado, o estudante organiza diferentes palavras sem resistência à atividade.

Figura J: Intervenção Pedagógica com cartões de Comunicação Aumentativa e Alternativa

Fonte: Acervo da pesquisadora

Nota de acessibilidade – descrição da imagem: Cartões de Comunicação Aumentativa e Alternativa com ilustrações de um menino em diferentes atividades diárias, dispostos em duas fileiras em uma superfície azul. Cada cartão tem um rótulo em português na parte inferior. Exemplo: Chegada: o menino está andando com uma mochila nas costas.

Essa atividade foi pensada para iniciar o uso dos cartões de comunicação aumentativa e alternativa. O objetivo foi pensar e organizar a rotina de um estudante do Infantil 4 na escola. O estudante tem TEA e apresenta uma necessidade complexa na comunicação, além de uma seletividade alimentar rigorosa. Por isso, imagens com momentos para a alimentação foram inseridas.

Durante a pesquisa e os encontros com os educadores, mostrava-se a necessidade da flexibilização curricular para garantir o sucesso na inclusão dos estudantes com deficiência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que o Ensino Colaborativo com a bidocência é um caminho para se pensar práticas pedagógicas inclusivas e ainda contribuir para a escolarização dos estudantes com deficiência. Na rede municipal, onde a pesquisa foi realizada, o ensino colaborativo é um projeto piloto em 7 escolas e percebeu-se a necessidade de formação continuada para e com os professores. Diante das demandas encontradas na pesquisa, pretende-se dar continuidade e com foco nas intervenções pedagógicas com os estudantes e professores no segundo semestre de 2025 e no primeiro semestre de 2026 com uma nova pesquisa.

REFERÊNCIAS COM HIPERLINKS

American Psychiatric Association. (2023). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5 ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed.
Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Brasil. (2008). *Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Ministério da Educação. http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf

Brasil. (2008). *Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008*. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado. https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/93163/decreto-6571-08

Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Vozes.

Figueiredo, R. V. de. (2010). Incluir não é inserir, mas interagir e contribuir. *Inclusão: Revista da Educação Especial*, 5(2).

Marçal-Guthierrez, C. C. (2022). *Programa de formação continuada de professores no uso da comunicação alternativa* (Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

Marçal-Guthierrez, C. C., Oliveira, C., & Barreiros, C. (2016). Inclusão, bidocência, ensino colaborativo: Quem ganha com isso? In *Anais do 7º Congresso Brasileiro de Educação Especial*. Galoá. https://proceedings.science/cbee/cbee7/papers/inclusao--bidocência--ensino-colaborativo--quem-ganha-com-isso-?lang=pt-br

Mendes, E. G., Vilaronga, C. A. R., & Zerbato, A. P. (2014). *Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar: Unindo esforços entre educação comum e especial*. Edufscar.

Nóvoa, A. (2009). Para uma formação de professores construída dentro da profissão. *Revista de Educación*, 350, 203-218. http://www.revistaeducacion.mec.es/re350/re350_09

Nunes, L. R. O. P. (2007). *Dando a voz através de imagens: Comunicação alternativa para alunos com deficiência*. Relatório de pesquisa financiado pelo CNPq.

Nunes, L. R. O. P., & Danelon, M. C. (2009). A pesquisa na sala de aula: Um caminhado acidentado. In C. Baptista & M. Jesus (Orgs.), *Conhecimento e margens: Ação pedagógica e pesquisa em educação especial* (pp. 123-139). Mediação.

Nunes, L. R. O. P. (2009). A prática pedagógica de mediadoras de alunos com deficiência física e dificuldades na comunicação em escola do Rio de Janeiro. In R. Glat & L. R. Nunes (Orgs.), *Formação inicial e continuada de professores comprometida com a inclusão educacional do aluno com deficiência do ensino fundamental à universidade*. Projeto financiado pela CAPES.

Schirmer, C. R. (2012). *Comunicação alternativa e formação inicial de professores para a escola inclusiva* (Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

Togashi, C. M., Silva, T. M., & Schirmer, C. R. (2017). A importância da formação continuada para ampliar os conhecimentos dos professores do Atendimento Educacional Especializado em Comunicação Alternativa e Ampliada. In L. R. O. P.

Nunes & C. R. Schirmer (Orgs.), *Salas abertas: Formação de professores e práticas pedagógicas em comunicação alternativa e ampliada nas salas de recurso multifuncionais* (pp. 45-67). EdUERJ.

Vilaronga, C., & Mendes, E. (2014). Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: Práticas colaborativas entre os professores. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 95(239), 139–151.